

O ministro da Cultura, José Aparecido, aprendeu logo. Como em Belo Horizonte, no Palácio da Liberdade, Aparecido também chegou cedo a São João del Rey, na igreja de São Francisco, e assim pôde bancar uma espécie de anfitrião. Foi ele que recepcionou o governador Leonel Brizola e várias lideranças locais.

Mas Aparecido vinha com uma novidade: afirmava que todos os ministros deverão colocar os seus cargos à disposição do presidente José Sarney, para deixá-lo à vontade para escolher os seus auxiliares. O ministro da Cultura anda muito empenhado nisso. Em todo lugar que chega fala sobre o assunto. Seus inimigos dizem que ele está de olho no Gabinete Civil.

Mais tarde, entretido com um tutu à mineira, o senador paraibano Marcondes Gadelha comentava, no restaurante Quinto do Ouro, essa história de demissão coletiva do Ministério: "É um formalismo desnecessário. Ninguém vai ficar fascinado pela elegância do gesto. Essas coisas têm de ser esquecidas para que os problemas fundamentais do País sejam atacados. Parece que ninguém quer ver o buraco, aí começa a derivação. Inventam demissões de ministros, eleições diretas já e outras coisas".

Chegam os políticos

Os políticos federais chegaram praticamente em grupo, vieram de helicópteros, aviões fretados em Belo Horizonte. Os mais falantes eram os deputados Roberto Cardoso Alves e Israel Pinheiro Filho. Roberto Cardoso Alves afirmou que "a mesma legitimidade que banhou Tancredo flui para Sarney. Um não existiria sem o outro. A bandeira é a mesma". Israel também fazia declarações no mesmo estilo. Todos queriam falar coisas bonitas, fazer literatura, parecer inteligentes, cada um à sua maneira. Quando o ministro José Aparecido chegou, lançou para os repórteres que o entrevistavam sua pérola literária:

— O País é, todo ele, uma lágrima.

Cardoso Alves, que é amigo de José Aparecido, concordava com o ministro. Ele acha que Sarney tem de renegociar o poder com as forças políticas, "senão corre o risco de sofrer com a falta de paz parlamentar e talvez com alguma agitação política". Cardoso Alves aproveitava para lançar para todos sua candidatura independente à secretaria-geral do PMDB. Ele acha que a atual situação beneficia sua candidatura, porque o governo precisa ampliar as suas áreas de apoio, coisa que o presidente do partido, Ulysses Guimarães não permite:

— O deputado Ulysses Guimarães é imperial. E a minha candidatura pode servir para arejar o partido.

O corpo de Tancredo ainda não tinha chegado. Os políticos tomaram o lugar dos irmãos da Veneranda Ordem Terceira de São Francisco, da qual fazia parte o presidente e, pela tradição, deveria cuidar da chegada do caixão à igreja. Eles até tentaram, fizeram um corredor para receber Tancredo, colocaram as suas batinas negras e prepararam todo o cerimonial.

Não deu certo, no entanto. A tradição manda que os irmãos da Ordem de São Francisco recebam seu companheiro no portão da igreja. Mas o caixão chegou até o pátio cercado por pessoas estranhas, comandadas pelo secretário para assuntos especiais, Mauro Salles.

Dentro da igreja, pelo menos três grupos davam ordens, dirigiam, indicavam o melhor lugar para ser colocado o caixão, onde a imprensa poderia observar as pessoas que passariam. A família dizia uma coisa, Mauro Salles e seus auxiliares interpretavam de outra forma e o tenente-coronel Rômulo Bini, chefe do Regimento Tiradentes, imaginava outra coisa completamente diferente. A única área a funcionar perfeitamente foi a dos sinos. Tancredo era ministro jubilado da Ordem, um cargo importante, por isso as badaladas dos sinos foram especiais. O toque fúnebre foi dobra-

Os assuntos dos políticos: Sarney, o futuro do País, a demissão coletiva do Ministério.

15 ABR 1985

JORNAL DA TARDE

do como mandam as regras da Ordem. Um dos irmãos comentava que "seria o cúmulo alguém interferir no toque dos sinos".

Futuro

A essa altura o pátio estava repleto. Márcia Kubitschek, sonhando com uma candidatura ao Senado pelo Distrito Federal, quando for possibilitada a formação de representação política para a Capital, conversava com Leonel Brizola. O governador do Rio dizia que apesar da morte de Tancredo esse era um momento de grandeza sem limites para o País. "Um momento rico em ensinamentos para a constituição de nosso futuro. A vida dele nos dá o roteiro. Tancredo vai continuar fluindo."

Para alguns políticos, com relação ao Ministério, o governo Sarney deverá passar por três etapas. Uma delas ocorrerá em maio do ano que vem, com a necessidade de desincompatibilização para concorrer às eleições do próximo ano. Alguns ministros serão candidatos. Outra etapa é o percurso de governo; dependendo do estilo a ser seguido será necessária uma readaptação. Além disso, Sarney poderá fazer ajustes

imediatos, principalmente em cargos de confiança.

Jânio, Joaquinão...

Uma figura trôpega se destaca na multidão. Cercado pelos deputados Gastone Righi e Augusto Toscano chega o ex-presidente Jânio Quadros. Diz que a morte de Tancredo foi "arrasadora" para o Brasil. Abraça dona Eloá e com os passos em falso entra na igreja. Jânio Quadros está sofrendo de uma labirintite aguda.

O deputado Luís Dulci procura a imprensa para dizer que está representando Lula. O presidente do PT, diz Dulci, queria estar ali, mas teve que voltar para São Paulo. É que alguns sindicatos pequenos estão preocupados com a trégua na greve dos metalúrgicos.

Lula foi para São Paulo, mas Joaquinão, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, circulava pelo pátio da igreja de São Francisco. Considerava a morte de Tancredo uma lacuna "irrecuperável" para os trabalhadores. "Os trabalhadores estão unidos e organizados e prestaram muita atenção às promessas de Tancredo Neves e irão fazer cobranças." Joaquim dos Santos Andrade acredita no pacto social, que através dele, com consciência e responsabilidade, poderão ser feitas as cobranças. Joaquinão contava que a greve marcada para terça-feira passada foi suspensa apenas por causa da morte de Tancredo. Ele acha que os empresários estão intransigentes e se não houver a reabertura do diálogo a greve será a solução.

O ex-governador de Minas e ex-presidente da Arena, Francelino Pereira, apareceu na Igreja. "O presidente Sarney precisa seguir as idéias de Tancredo. Para conseguir isso basta que ele se empenhe."

Esperidião Amin não ficou muito tempo na igreja. Entrou, cumprimentou dona Risoleta e saiu para almoçar. Circulou pelas ruas de São João del Rey distribuindo autógrafos e falando sobre o momento político.

Para ele não interessam os nomes do Ministério, o importante é que o Ministério cumpra o seu papel, para o qual foi formado.

Para almoçar, os políticos preferiram o restaurante Quinto do Ouro. Estavam lá os senadores Virgílio Távora, Mário Maia, Nelson Carneiro, o deputado Dante de Oliveira e até o irmão de Tancredo, Antônio, que foi com toda a família. O senador Marcondes Gadelha comentava que Sarney vai precisar rebalancear o equilíbrio da Aliança Democrática. E talvez a balança penda mais para o lado do PMDB. E que Sarney precisa ser mais rápido. E com um apoio do PMDB o governo poderá atender com mais presteza aos anseios da população. Gadelha acha que a reunião do Ministério, marcada para a semana que vem, vai definir os caminhos, serão tomadas medidas concretas. O senador paraibano também prevê que com Sarney o Congresso vai-se fortalecer. "O presidente já deu provas disso não enviando mais ao Parlamento decretos-leis. Dornelles e Sayad querem dirigir a política econômica junto com o Congresso. Agora o Parlamento é poder real. E por isso que vai passar no Senado a regulamentação do artigo 45 da Constituição, que estabelece a fiscalização e controle dos atos do Executivo, pelo Legislativo."

Eram quase 16h quando Sarney, José Fragelli, presidente do Senado, e Ulysses Guimarães, presidente da Câmara dos Deputados, chegaram à igreja de São Francisco, junto com todos os ministros. Depois de assistirem à missa de corpo presente, os ministros, que foram obrigados a ficar na cidade muito mais tempo do que planejavam, para que fosse cumprida a promessa de dona Risoleta de que todos os sanjoanenses pudessem ver o presidente, saíram para o pátio. O assunto deles também era a decisão de entregar seus cargos para o presidente José Sarney.

José Márcio Mendonça
Fernando José Dias da Silva